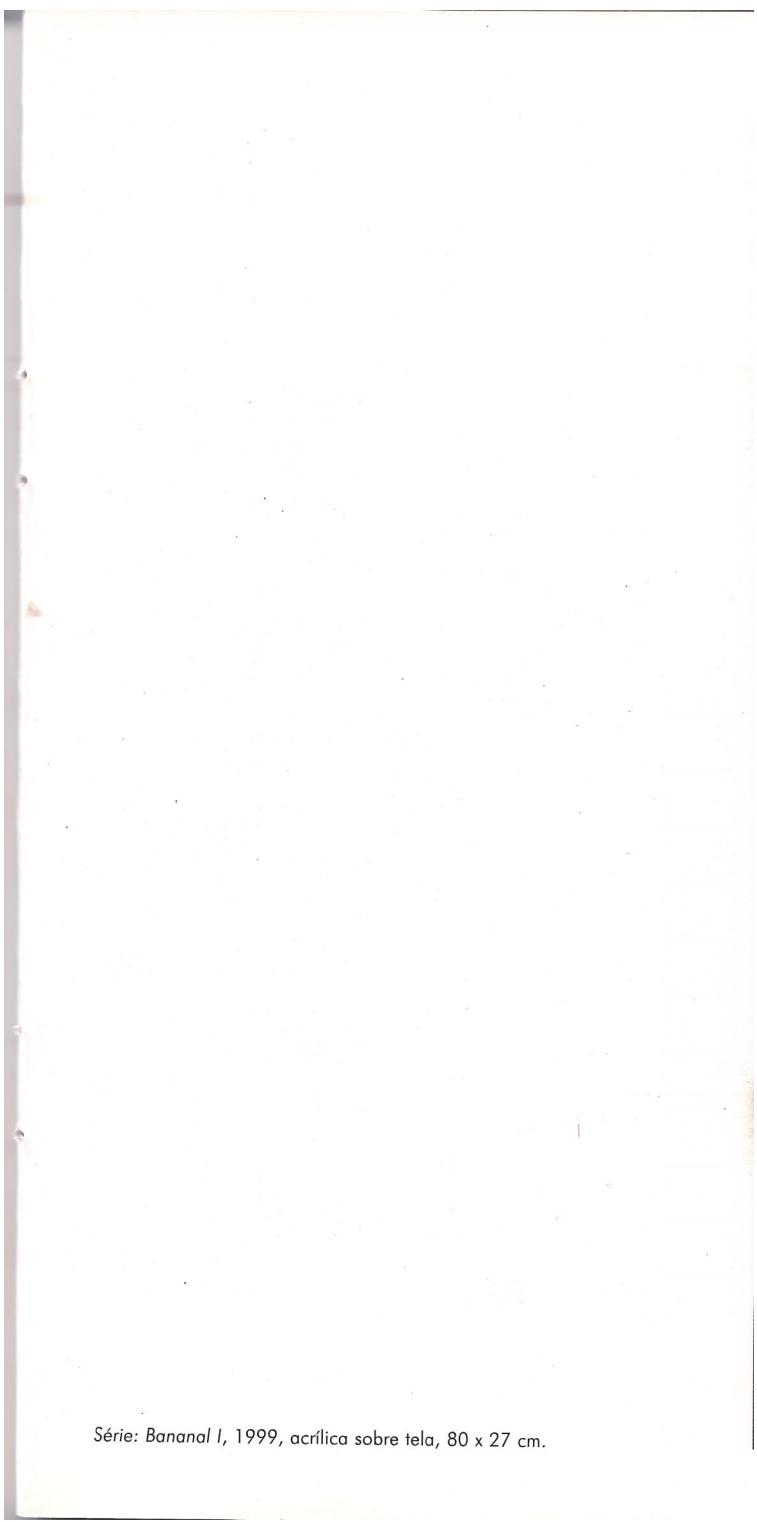


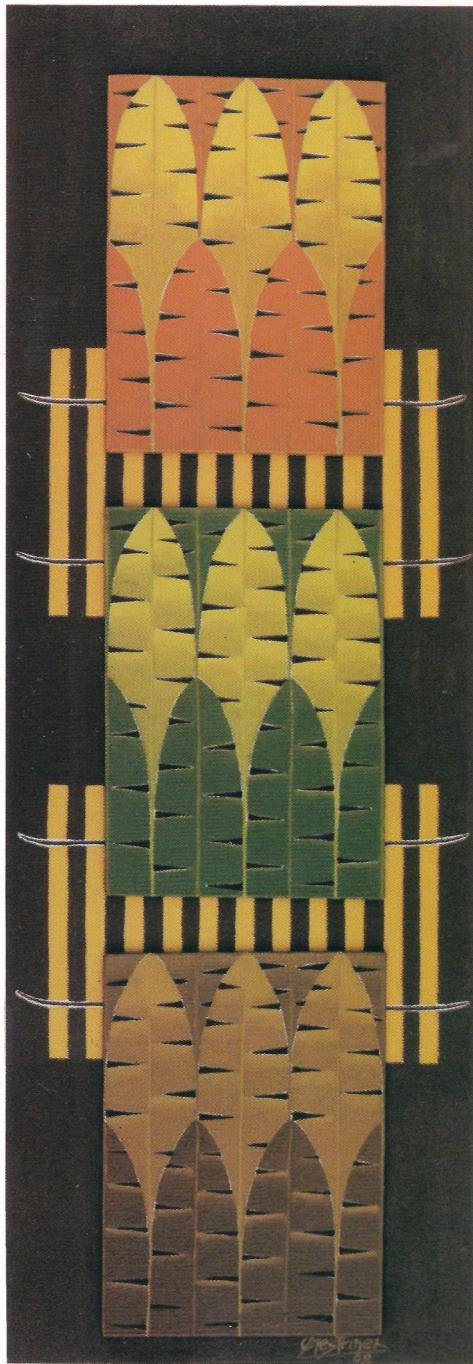


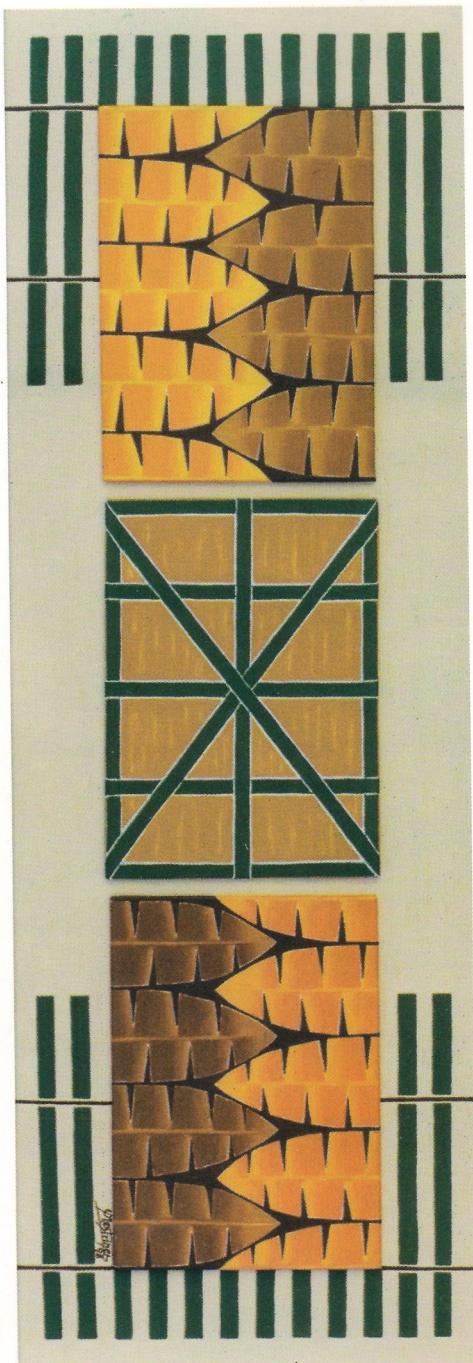
ODILLA MESTRINER
Dois momentos / Um espaço

Sala Especial do 27º SARP - Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo



Série: *Bananal I*, 1999, acrílica sobre tela, 80 x 27 cm.

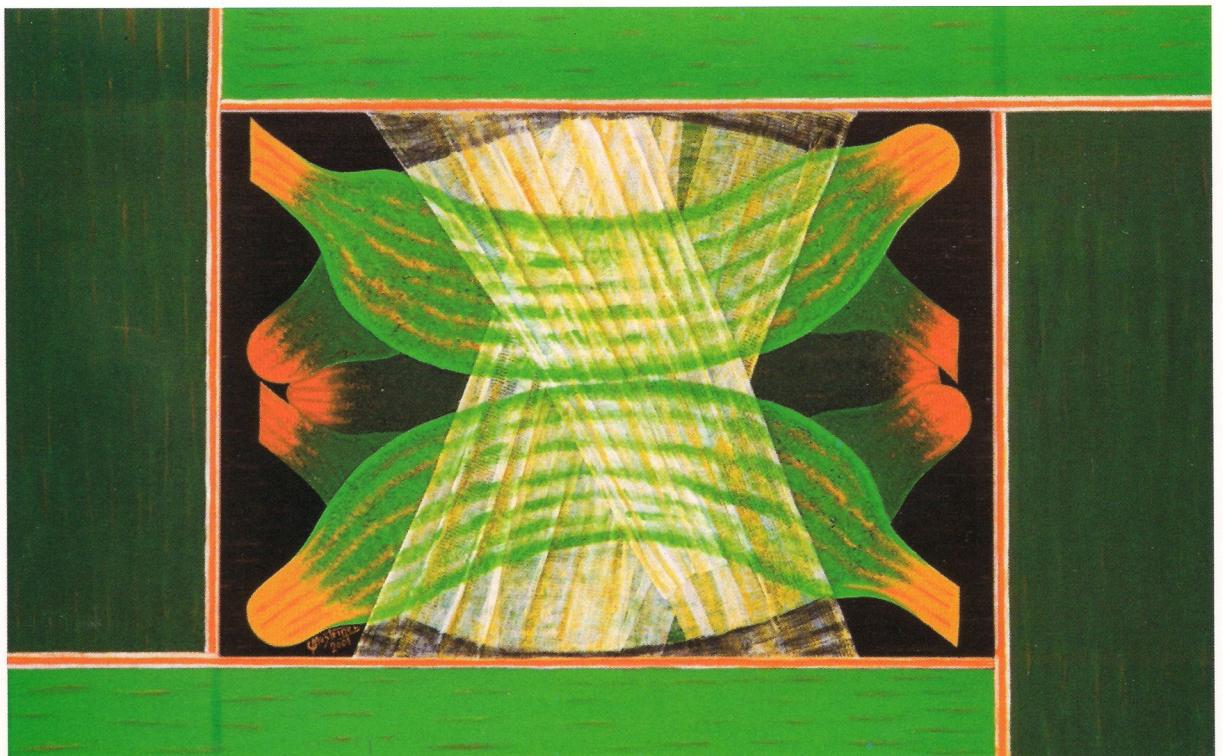


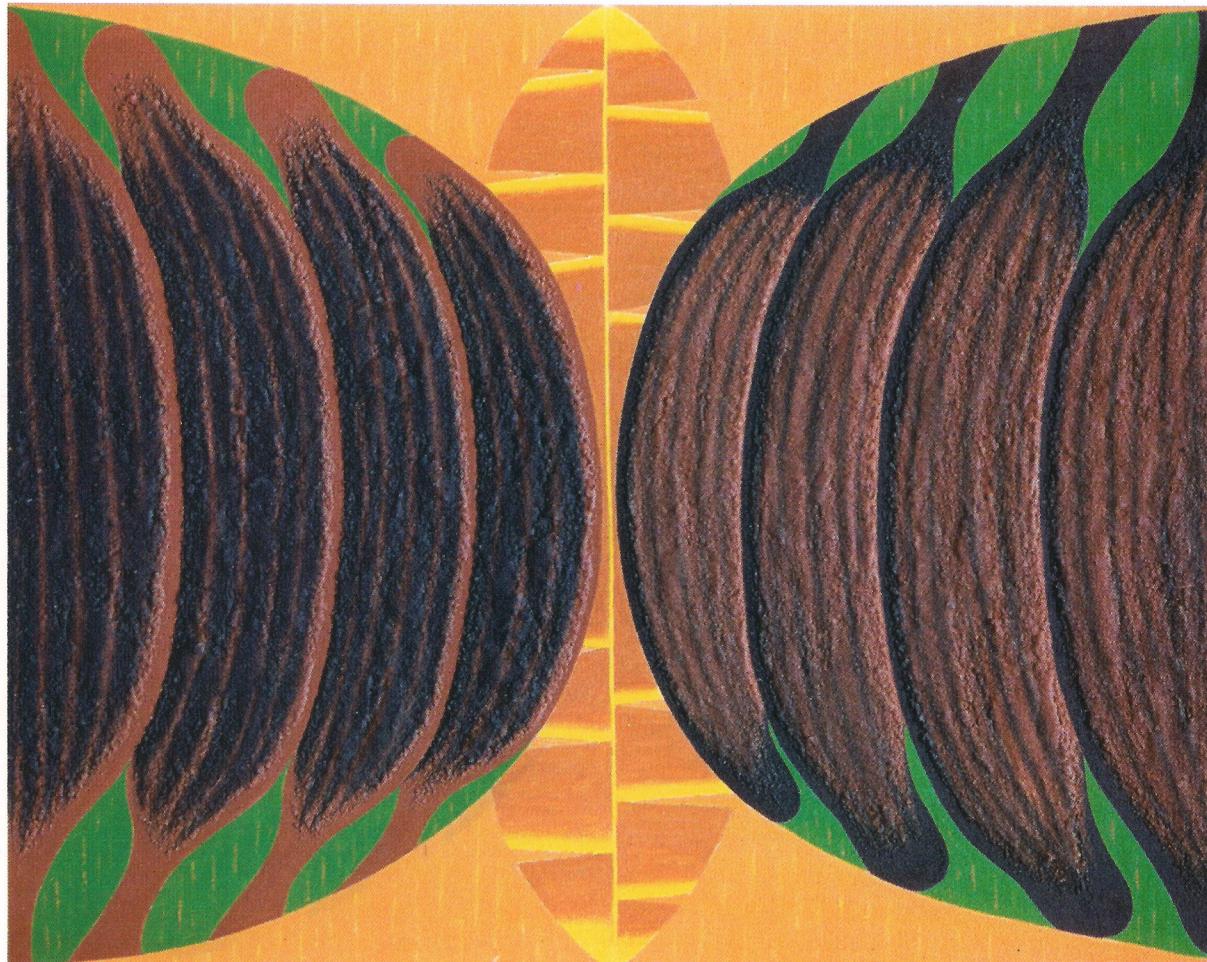


Série: *Bananal II*, 1999, acrílica sobre tela, 80 x 27 cm.



Série: *Bananal - Pregadas*, 2000, acrílica e madeira sobre tela, 70 x 110 cm.





Série: Bananal - Curvadas, 2001, acrílica e areia sobre tela, 80 x 100 cm.

Este catálogo é parte integrante da exposição

ODILLA MESTRINER

Dois momentos / Um espaço

Sala Especial do 27º SARP definida por dois núcleos:

Histórico – obras da artista que integraram a XII Bienal de São Paulo, em 1973, e o Panorama de Arte Atual Brasileira do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1974.

Produção Atual – trabalhos desenvolvidos em torno da série da bananeira e seu fruto.

MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto

De 02 a 25 de agosto de 2002

Bate-papo com a artista: Dia 03/08/02, às 10:00 horas, no MARP

Sala Especial do 27º SARP - Salão de Arte de Ribeirão Preto Nacional-Contemporâneo

O percurso do artista no desenvolvimento da sua obra se faz com um olhar no presente e outro no passado. Essa postura leva sempre à atualização da visão e da criatividade.

A conquista marcante da minha trajetória foi a participação em mostras de caráter internacional nas décadas de 1960 e 1970, que me levou com coragem e determinação a buscar soluções audaciosas, romper com o espaço pictórico tradicional e criar a dinâmica ilusória do *Equilibrista*.

A procura de novas estruturas formais faz com que se adquira outra dimensão na repetição sucessiva das figuras em *Composição Mutável*.

O desdobramento de outros temas também assinala etapas vivenciadas no tempo e espaço, sempre dentro da continuidade de sua identidade e coerência.

Nesse momento atual, a partir da releitura de uma obra, retomo a temática do Bananeiro abordando seu sentido político-social. Na série de desenhos utilizo o papel artesanal feito da bananeira e nas pinturas alguns materiais inusitados.

A partir de processos como, cortar, colar, pregar e amarrar, procuro dar à figura original uma densidade simbólica, propondo uma ligação entre o produto nacional e o conceito das linguagens artísticas contemporâneas.

Existe sempre nesse jogo uma metáfora humana que leva à uma contestação e reflexão.

Odilla Mestriner
Julho/2002

A arte de Odilla Mestriner

Metódica e disciplinada, Odilla Mestriner vem passando por gerações de artistas com uma obra vigorosa e equilibrada. Esteve em várias Bienais de São Paulo, a V, a VI, a VII, VIII, a IX, a X e a XII, o nosso evento artístico mais importante. Como ela pôde ter passado por tantas bienais seguidas? É a pergunta que me faço ao iniciar-me na leitura dos textos críticos sobre Mestriner e tendo a oportunidade de descobrir uma artista peculiar, uma construtora de formas, ora quase figurativas, ora quase abstratas.

Ela esteve também nos Panoramas da Arte Brasileira, organizados pelo Museu de Arte Moderna de São Paulo em suas versões de 1971, 1974, 1977 e a de 1980. De novo, o que significa ter passado por tantos Panoramas e estar tão bem representada na coleção do Museu? Que presença é essa, no contexto artístico nacional, em uma época que abrange, principalmente, dos anos cinqüenta até os anos setenta? E vai além. Muito já foi escrito sobre Odilla Mestriner e soaria redundante se eu tentasse nesse texto, ser mais um crítico ou historiador a dizer mais sobre sua obra.

Trata-se de uma artista, dona de uma obra vigorosa, carregada de energia sensorial e emoções, que no início, aparentavam estar reprimidas para depois se abrirem e explodirem em vibrações cromáticas. Mas tudo, tudo de forma muito ordenada. A ordenação de um repertório que beira ao estranhamento, tamanha a obsessão à procura da perfeição, na expressão máxima da forma, na firmeza do traço dos desenhos, no uso sensível da cor, na organização espacial pictórica e matérica, no uso do material artístico (do guache, da aquarela, do nanquim, da tinta acrílica) e na busca do esgotamento temático entre o homem e a natureza que a cerca.

Talvez o seu maior mérito e a justificativa por sua presença no cenário artístico brasileiro há tanto tempo – esta seria talvez a resposta para minhas inquietações – esteja em sua capacidade de revificar a sua própria arte. Uma carreira com mais de 40 anos. A artista reinventa, recria e não evidencia uma ansiedade de ser atual em sua obra, embora o sendo. Ou de estar inserida neste mundo feroz do qual fazemos parte, diante dos ataques da agressiva e aniquiladora mesmice cultural globalizada, onde quase todos, artistas, críticos e historiadores, caminham em uma mesma direção. Sem compromisso com um trabalho próprio e ético, muitos optam pelo percurso equivocado, o mais curto e rápido, para chegar ao topo dos mercados culturais. E depois saem descartados, tão velozmente quanto surgiram. Vão, sem deixar rastro de suas passagens.

Não é o caso de Mestriner. Como já disse, é dona de uma obra com mais de quatro décadas de história. A artista, calmamente, sem nunca ter deixado a sua cidade – Ribeirão Preto –, não se deixou seduzir por ofertas de fácil apelo, de uma grande capital. A artista constrói dali, de sua cidade interiorana, para o país, uma carreira respeitável. Ela nos dá com isso uma lição ao nos mostrar não ser necessário articular ou atrelar-se às correntes contemporâneas em voga, ditatoriais na estilização das tendências artísticas, para desenvolver um trabalho sério, poético e pessoal.

A sinceridade está ali, muito próxima das suas primeiras imagens de desenhista, cujo tema era a casa, a cidade estruturada onde se dava justamente a sua vivência ou experiência de mundo. Dali, para a V Bienal de São Paulo, sua primeira exposição fora de Ribeirão Preto.

10 Mestriner nunca deixou sua obra estagnar, pelo contrário, soube olhar para a história que estava

sendo construída paralela aos seus 40 anos de carreira e subtrair para si o essencial. Veio a "Pop Art" nos anos sessenta e a artista soube abrir-se sem, no entanto, perder-se na revolução cultural e comercial que marcou parte daquela geração. Trabalhou com a colagem, com o papelão e com recortes de jornal. A figura humana, que estava ausente de suas pinturas e desenhos, surge como símbolo de uma presença sensível. Um trabalho que se resolve em estruturas de linhas e cores.

Desenhos, pinturas, colagens e litografias. Não importa. Pois são desenhos com traços tão duros e vigorosos, que poderiam ser confundidos com gravuras; são pinturas que aparentam ser desenhos; são colagens que se misturam com pinturas, e assim por diante. Elas não têm segredos, mas sim mistérios a serem desvendados.

Com certeza as técnicas utilizadas são o que menos importa em uma obra carregada de significados. Significados políticos, sociais, humanistas e sensíveis. Uma obra cheia de sentidos, principalmente em trabalhos mais recentes de 2000 e 2001, em que Odilla Mestriner parece ter recuperado para o seu repertório uma grande "musa" nacional. Trata-se da bananeira e seu fruto. Uma planta da família das musáceas e que já foi motivo de obras de Tarsila do Amaral, Lasar Segall, Antônio Henrique Amaral, Hudinilson Jr., entre muitos outros artistas.

Esta série de pinturas de Mestriner, logo me impressionaram por sua delicadeza e implicações sociais e políticas deste quase símbolo nacional, que representa o nosso exotismo tropical em obras de Segall e Tarsila do Amaral ou de uma Carmen Miranda que vestia um cacho de bananas como chapéu e saia cantando o Tico Tico no Fubá, no cinema norte-americano. A partir daí, a banana que virou uma identidade brasileira, toma outro rumo conotativamente na direção do campo político e passa a ser um signo de um preconceito ou comicidade do nosso subdesenvolvimento econômico e cultural. Não se trata apenas do nosso país, mas de todo um continente de países equatoriais localizados no Hemisfério Sul, pejorativamente identificados, sem diferenciação, com uma tal de "República das Bananas".

Nos anos sessenta, em meio a Arte Pop, Antonio Henrique Amaral parecia esgotar tais possibilidades conotativas da banana como um signo de nossa aculturação, enquanto passávamos por um processo ditatorial que retrocedia aos avanços sociais conseguidos na década anterior. Hudinilson Jr., nos anos setenta, diante da repressão militar que tentava afogar qualquer manifestação cultural não-oficial, desenvolvia um trabalho individual experimental com as máquinas copiadoras xerográficas. Em uma série de imagens, descascou a banana novamente em conotações políticas e também homoeróticas.

Odilla Mestriner retoma a banana como tema de suas obras mais recentes de 2000 e 2002, e como um botânico em seu ofício, ela dissecava a planta e a fruta em suas pinturas e desenhos sobre papel artesanal, feito da casca da própria bananeira. As imagens organizadas racionalmente resultam em uma simbiose de plasticidade incrível, ao misturar uma linguagem plástica primitivista que lembra as gravuras do artista plástico e gravador pernambucano, Gilvan Samico, com a morfologia botânica da artista inglesa Margareth Mee. Sem uma preocupação engajada evidente, o belo resultado estético desse conjunto é único.

Ricardo Resende
Curador do Museu de Arte Moderna de São Paulo

ODILLA MESTRINER (Ribeirão Preto)

Principais Exposições Individuais

- 1999 Série Andantes, MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto
Série Andantes, USP, Ribeirão Preto
- 1994 Retrospectiva, MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto,
Curadoria e Publicação do livro Odilla Mestriner
e a Arte em Ribeirão Preto, por Tadeu Chiarelli
- 1992 Modernidade / Experimentalismo - Artes Plásticas em
Ribeirão Preto, USP, Curadoria Tadeu Chiarelli
- 1987 Galeria Blue Life, São Paulo, lançamento do livro Odilla
Mestriner, por Jacob Klintowitz
- 1985 Galeria de Arte UNICAMP, Campinas
- 1984 Museu Guido Viário, Curitiba
- 1977 Paço das Artes, São Paulo
- 1969 Museu de Arte de Florianópolis

Principais Exposições Coletivas

- Bienal de São Paulo (V, VI, VII, VIII, IX, X e XII)
Panorama da Atual Arte Brasileira, MAM, São Paulo (1971/74/77/80)
Pré-Bienal de São Paulo (1970/72/74/76)

- 2000 Reinauguração do MAC, São Paulo
1984 VI Mostra da Gravura Pan-Americana da Cidade de Curitiba
1973 Exposição Imagem do Brasil - EXPO 73, Bruxelas - Bélgica
Iramar and Bel Gallery, Faifield - EUA
1972 II Exposição Internacional de Gravura, MAM, São Paulo
1968 II Bienal de Artes Plásticas da Bahia
1963 Artistas Brasileiros na Gallery Four Planets, Maryland - EUA
I Exposição do Jovem Desenho Nacional, MAC, São Paulo

Principais Premiações

- 1979 Prêmio Aquisição, 1º Mostra de Desenho Brasileiro, Curitiba
1973 Prêmio Aquisição, 30º Salão Paranaense de Arte, Curitiba
Prêmio Melhor Desenhista de 1973, APCA, São Paulo
1971 Prêmio Aquisição, 1º Bienal de Artes Plásticas de Santos
1969 Prêmio Aquisição Itamaraty, X Bienal de São Paulo
1961 2º Prêmio Leirner de Desenho, São Paulo